

ESPAÇO SILÊNCIO...
NA ACADEMIA DE LETRAS
DOS CAMPOS GERAIS

"Mas nas igrejas tudo é silêncio...
E tu, SILÊNCIO,
Bendito sejas!"

Adalto

Espaço silêncio, desejos de abrir significados novos, sempre infinitos como infinitos são os sonhos-desejos desta educadora, insatisfeita sempre com os resultados que se sedimentam, se cristalizam e se tornam crenças limitadoras de um ser em desafio, que se permite dar as mãos a Fernando Pessoa:

" Meia volta, toda volta,
Muitas voltas de dançar...
Quem tem sonhos por escolta
Não é capaz de parar".

É este sem parar de Fernando Pessoa, que me traz aqui, Excelentíssimo Presidente da Academia de Letras dos Campos Gerais, Dr. Sérgio Monteiro Zan, Ilustre Presidente eleito Dr. José Rüter Cordeiro, autoridades presentes, confrades, confreriras, convidados e minha família.

Com orgulho, mas com muita humildade venho ocupar a Cadeira Nº1 desta insigne Academia de Letras dos Campos Gerais, a qual tem como fundador Fernando Vasconcelos e como patrono Adalto Gambassi de Araujo - estelares das letras, nos fazem perceber a aura das coisas do mundo - a eles, meu louvor.

Com base no dizer de Simone de Beauvoir "Escrevemos a partir do que nos fizemos ser" passo a contar um pouco da minha história: Nasci envolta por mil braços, a proteção foi a marca de minha educação primeira ao som de muitas vozes que, em uníssono, misturavam - se ao som da serrafita, ao cheiro da serragem, à lida de todos na serraria Santa Helena, no meio do mato.

O acordar com o galo cantando, o ranger das rodas da carroça e do vagonete, a imagem dos caminhões carregados de tora, e as pessoas fazendo - se sob a proteção do outro são lembranças de uma infância vivida

em meio aos adultos, quando valores como trabalho, dignidade, bondade misturavam - se ao gosto pela poesia passada pela minha avó Olímpia, com colo e carinho, no dizer de poesias e belas histórias - o prazer pela afetividade, pela sensibilidade, pelo amor às letras.

Uma juventude de conflitos, quando as necessidades, os sentimentos e os desejos ficavam ocultos debaixo do meu silêncio, como vozes interiores, somente consolados pelo grafite riscado no branco vazio.

A vida rola e na roda da vida: uma vida dedicada à educação e à cultura. Abrindo janelas para o real com elas, as crianças, e com eles, os jovens, mesmo eu sabendo como Fernando Pessoa, que nunca é o que se vê quando se abre a janela. E, ao caminhar, tenho feito escola como lugar de ação, construção, possibilidades e desejos.

E no poema da vida, o encontro com as tapeceiras da palavra, que me ajudaram a tecer os fios da trama de minha linguagem poética - formigarras, cigamigas - como Leonilda Hilgenberg Justus responsável pela aquela coisa clandestina de Clarice Lispector "a felicidade", a minha felicidade de pertencer a esta Academia, regada com lágrimas pela incompletude da vida...

Compreendendo a vida não como representação, repetição das coisas, mas como desejo-esforço para criação e recriação, venho construindo um olhar vigilante, disponível, desprendido de qualquer certeza, profundo, longo, numa multiplicidade de sentidos e, como catársis, poder alçar ao mundo da dúvida e da apreciação.

Um olhar como do "Ângelus Novus", na interpretação de Walter Benjamin ao quadro de Paul Klee: "...um anjo que com os olhos encarquilhados, a boca aberta volta seu rosto para o agora passado e não vê senão tristeza e saudades, mas sente uma tempestade soprando sobre suas asas abertas e não as pode fechar, sentindo - se empurrado incessantemente para o amanhã. Assim sou eu, em sintonia com Merleau Ponty: aberta, prometendo - me sempre outra coisa para ver: a interminalidade. Como as peças de Brecht aos seus espectadores: obra aberta - um prazer permanente de buscar e não de encontrar - uma metamorfose ambulante, no dizer da professora, minha aluna de um curso de especialização, cantando Raul Seixas.

Somos, e seremos sempre, criaturas criadoras. Criamos obras magníficas de arte, de literatura, de música tentando expressar toda a gama de nossas emoções, da mais profunda tristeza à alegria mais sublime, nossas angústias e temores, nosso amor pela vida e medo da morte e nossa necessidade de companhia e de generosidade.

Estava escrito nas estrelas e no discurso de posse da Presidência da Academia de Letras dos Campos Gerais feito pelo confrade Sérgio Monteiro Zan - generosa confraria - eis o meu novo espaço:

Academia de Letras dos Campos Gerais
Cadeira Nº1
1ª Ocupante
Partono: Adalto Gambassi de Araujo

Poeta princesino, nascido em 22 de outubro de 1922, filho do Coronel Adalberto e de Agnese Carvalho de Araújo. Como muitos de nós, ocupou as cadeiras escolares do Liceu dos Campos e do Ginásio da Praça Barão do Rio Branco, o Regente Feijó.

Como advogado, soube muito bem alternar seu amor às letras jurídicas com seu devotamento à arte maravilhosa de Camões e como jornalista revolucionou nosso jornalismo, introduzindo nossos sistemas na comunicação impressa.

Dirigiu o Jornal do Paraná, em Ponta Grossa, foi colaborador de diversos outros periódicos e revistas, parceiro do poeta Colombo de Souza e de Farís Antonio Michaele. Em São Paulo, como frequentador, que era, das rodas literárias teve grande apoio de Menotti Del Picchia. Na Academia de Letras José de Alencar, em Curitiba e no Centro Cultural Euclides da Cunha, em Ponta Grossa, lá estava ele, como erudito.

São suas as obras primas: *Dansa da nuvens* (poesias 1945) e *Cântico do Século XX* (*Versos livres* 1952), este é considerado como primeiro livro modernista do Paraná e mais que um simples livro de poesia, mensagens de humanismo e sentimento - cântico magistral de Século XX, para a emoção e o encantamento para além dos séculos.

Nas entrelinhas de um espaço tempo existencial, nas frestas de uma história de vida escrita com letras que "dansam" como as nuvens, letras que na complexidade das possibilidades surpreende os humanos com o versar da dor e da morte, morte que na cultura ocidental ainda é tabú, ainda dualidade, pois a morte não é o oposto da vida, mas um aspecto essencial dela. Adalto soube fazer esta leitura da unidade mortevida, quando

entrelaça os laços da juventude, da esperança, do amor e fé. Enlaça prazer e dor - manifestações da sensibilidade, eis porque ele define muito bem o que é ser poeta:

"Ser poeta é sofrer o agulhão do idealismo
E perseguir a luz mirífica dos astros;
Ter o ventre no lodo a caminhar de rastros
E o olhar a se perder no luminoso abismo".

Poeta de amplos recursos e fina sensibilidade, soube transmitir suas impressões, dentro desta mágica força, de saber dizer o que sente na técnica do verso claro, preciso com toda pujança de sua inteligência, no dizer de Santos Filho.

Com um profundo sentimento de vida cósmica, uma aguda percepção do drama universal de existência, o poeta Adalto encanta e emociona com palavras, poemas de compreensão e ternura, como o acróstico Ave Maria:

AVE MARIA!... SOAM SEIS PANCADAS...
VEM DE LONGE O RUMOR VAGO DA PRECE
E O DOLENTE PLANGER DAS BADALADAS...
MANSAMENTE O ZUM-ZUM DA BRISA CRESCE
ACARICIANDO AS FLORES PERFUMADAS...
REZAS!... CANTOS... É A TARDE QUE ESMORECE
INUNDANDO DE VOZES ABENÇOADAS
A NATUREZA QUE ORA E QUE ADORMECE...

Na fala de Adalice Araujo, sua irmã, o esquecimento; mas na Academia de Letras dos Campos Gerais, a minha promessa de garimpar os inéditos versos e reversos do Patrono, ainda nos cofres guardados, para a degustação e apreciação de muitos. Assim o prometo.

Como no imaginário infantil, a dança das cadeiras segue seu ritmo, e logo toma conta dela, a cadeira de número um, alguém que olha a vida pelo outro lado: lê, canta, encanta e evoca a vida como ela é: a vida das pessoas, a sua própria vida, a vida das coisas, o que acontece no mundo como ele é e o homem na sua totalidade.

Dois de setembro de um mil novecentos e trinta e sete - nasce, numa quinta - feira ensolarada da histórica Diamantina, em Minas Gerais, esse

alguém: filho de poetisa, poeta é - Fernando Silvio Roque de Vasconcelos: Nhô Fela, Miguel Fuinha, Nico Manducaia, Marcos Severo, Glória Carmin, Henrique Sandoval, pseudônimos jornalísticos de um autodidata e eterno estudante na complexa universidade da vida.

"Cacei a verdade a esmo
Em clima sempre adverso,
Quando é dentro de mim mesmo
Que palpita o universo!"

Fernando, que andanças, neste universo chamado Brasil! Comerciar, comerciante, representante comercial, construtor de linhas telegráficas, motorista de táxi, viajante, radialista de mil e uma rádios, redator profissional, publicitário e jornalista, com incontáveis funções em cada setor - secretário executivo, funcionário público, fundador de jornais e revistas, escritor de dezenas de livros, ganhador de inúmeros prêmios em concursos literários nacionais e internacionais, e muito mais... depois de tudo isso, só poderia lembrar, agora, o que dele dizem os críticos:

"Vasconcelos dá a nossa literatura um estilo novo e caracteristicamente brasileiro... estilo pitoresco, mesclado de regionalismo e de expressões surpreendentes que só a genialidade consegue compor... a língua de Vasconcelos é livre, vem dentro dos seus personagens, se articula com uma pureza admirável... homem intuitivo, de rara sensibilidade, inteiramente preocupado com os semelhantes... sempre cheio de generosidade, um gentleman..."

"Antes da glória, dinheiro,
Mesmo o poder sedutor,
Hei de amar o mundo inteiro,
Para merecer amor!"

"Êta Homem besta Sô!...Pô Meu! Onde fico eu? Um pseudônimo apenas, um fiapico "Aneleh", e como encontrar, nesse monumento de homem, pontos de identificação? Procuro, procuro, mas encontro: Fernando foi fundador da Folha de Imbituva/PR e da Revista Imbituva Nova Era, Imbituva: terra onde nasci; foi membro do Centro Cultural Prof. Faris Michaelle, do qual fui presidente em duas gestões, estas situações e algumas características de Fernando Vasconcelos deixaram rastros e os astros retomaram na dança das cadeiras. Cadeira Nº1 Neuza Helena Postiglione Mansani.

Não os conheci, nem patrono nem fundador, mas pelo inconsciente coletivo estava, em mim sulcado, o chamamento para esta Academia; ademais no poema *Sonho de Ópio*, Adalto evoca o Delírio:

AH! QUE GÔZO TRANSCENDENTE
E QUE AFAGO ESTRANHO E VAGO!
MAS E A DANÇA?!... E ESSA DANÇA BAMBOLEANTE???
"- RODOPIA, DELIRANTE E GIRA EM CÍRCULOS CONCÊNTRICOS
NO CENTRO É QUE ESTÁ O GÔZO...E ONDE ESTÁ O CENTRO?"
"- RODOPIA."

Rodopio na prosa poética ou no instantâneo poético, com diz minha madrinha e confreira Luísa Cristina - rodopio, soltando no azul dos céus palavras aladas e, olhando o mundo de outro jeito, pelas tramas do avesso, talvez, o espraçar de imaginação a minha alma e o meu coração.

Rodopiando no delírio, meu abraço acadêmico a todos.

Agradeço, e deixo minhas reverências ao novo Presidente da Academia de Letras dos Campos Gerais - José Ruitter Cordeiro, meu amigo em interconexão em torno de idéias.

23 DE MARÇO DE 2011